

CONVERSAS NUMA RODA DE TERERÉ. (DES) ENCONTROS ENTRE MANOEL DE BARROS¹ E NEWTON AQUILES VON ZUBEN

Antonio Almeida da Silva*

Apresento, nestas páginas, as entrevistas concedidas pelo poeta Manoel de Barros e pelo filósofo Newton Aquiles von Zuben, condensadas num texto único, com o objetivo de estabelecer diálogos e *(des)encontros* entre os saberes. Tentei aproximar o poeta e o filósofo, de forma que esses autores possam dialogar em conversa informal, como se faz em uma roda de tereré. Nessa conversa, percebemos que existem momentos de encontro e desencontro entre as ideias desses autores.

Conversas numa roda de tereré

Era uma manhã sul-matogrossense, daquelas em que o “sol está de rachar”, “de estralar mamona”, “de fritar o ovo na calçada” - tudo isso pra dizer que estava muito quente -, à beira do Rio Miranda, em pleno Pantanal. Passava por aquelas bandas o filósofo Newton Aquiles von Zuben, um doutor em ciência que estava em busca do desconhecido, pois, pois. E não é que no meio do caminho tinha uma pedra? Ao desviar da pedra ele avistou um homem já na sua terceira infância, esfregado ao chão para escutar a terra com a boca - era o poeta Manoel de Barros.

O dia todo ele vinha na pedra do rio escutar a terra com a boca e ficava impregnado de árvores.

Sentado sobre uma pedra estava o homem desenvolvido à moscas. O poeta disse soberano:

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba – Uniso. Doutorando em Educação pela Unicamp. E-mail: almeidaecobio@bol.com.br.

1 Manoel de Barros concedeu a entrevista por escrito em 21 de maio de 2009 e Newton Aquiles Von Zuben, oralmente e sendo posteriormente completada por escrito, em Campinas, em 06 de maio de 2009. A “Roda de tereré” foi elaborada com trechos das duas entrevistas e passagens dos livros de ambos.

– *Estou a jeito de uma lata, de um cabelo, de um cadarço. / Não tenho mais nenhuma idéia sobre o mundo. / Acho um tanto obtuso ter idéias. / Prefiro fazer vadiagem com letras.*

O poeta, ao ver o filósofo, foi logo perguntando:

– *O que procuras?*

– *Procuro um caminho frente ao constante desenvolvimento das Tecnociências. Acredito que “o caminho é feito ao se caminhar.”*

O poeta foi logo respondendo:

– *Não há caminhos, o que existe são os descaminhos.*

Todos os caminhos – nenhum caminho

Muitos caminhos – nenhum caminho

Nenhum caminho – a maldição dos poetas.

Eu, muito do curioso, quis saber um pouco mais sobre filosofia e poesia. Aproximei-me da conversa, oferecendo o meu tereré para refrescar a garganta, num dia de tanto calor. Então, a roda estava formada: o filósofo, o poeta e o pesquisador.

Quis saber quem era esse filósofo que conversava com o poeta. Perguntei sobre sua trajetória. O filósofo, calmamente, me respondeu:

– *Minha formação filosófica, em grande parte, devo a um grande mestre, também conhecido por seu orientador Marcos Reigota, da Universidade de Louvian, e ao matemático e filósofo Jean Ladrière. (pausa para tomar o tereré) Dizia-nos que a reflexão filosófica se revela como a capacidade de colocar devidamente as questões. Pois bem, tenho tentado esse caminho desde a década de 60, orientando minhas indagações para essa direção: a ação humana. Estudei e estudo Hannah Arendt, e há duas décadas dedico-me às questões éticas, em especial, a bioética. Que sentido têm, no cenário do existir humano, as aventuras da racionalidade em ação, tanto nas interações humanas como na atividade científica?*

Conhecia o poeta, assim como o filósofo, somente por meio dos livros. Então, quis saber do poeta sobre as trajetórias que influenciaram definitivamente a construção da poesia jogada aos trapos, aos restos, ao chão, e a infância. Então, lhe perguntei:

– *Quais os descaminhos que desapontam na criação de sua poesia?*

(após ajeitar a bomba de tereré, poeticamente, ele responde)

– *Foi minha infância até nove anos. Eu era de chão e de águas. A solidão do lugar me iluminou (ou me turvou?) para a poesia. Acho que é defeito de nascença isso. E minha mãe disse mais: esse menino vai passar a vida enfiando água no espeto! Foi quase.*

Meu pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação. Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do colégio. E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das idéias e da razão pura. Assim como o Newton Aquiles também especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo – o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.

Depois de escutar o poeta, acho que mereço um tereré!

Com a oportunidade de aprofundar o diálogo entre os saberes, comecei a indagar a respeito da presença do humano. Acabei desvelando que o filósofo e o poeta nos (des)apontam diferentes sabedorias.

Lembrei-me do livro **Bioética e tecnociências** de Newton Aquiles von Zuben, e lancei as mesmas perguntas do livro.

– *Quem será essa humanidade que está por surgir? Como será esse novo ser? Que perspectiva você vê em relação a essa nova humanidade frente ao desenvolvimento das tecnociências?*

O filósofo, depois de tomar tereré, me disse:

– *Fala-se demasiado nesse momento civilizatório. O que é esse amanhã do homo sapiens? Tem sentido em se falar em criar esse novo homem? Quem seria ele? Homúnculo ou o quê? Essa preocupação revela a ambivalência de nossa herança prometeica.*

Quando perguntei o sobre o que é o ser humano contemporâneo para o poeta e como ele imagina o futuro próximo de nossa espécie, ele poeticamente respondeu:

– *Imagino que voltaremos a escrever nossa voz nas pedras.*

Lembrei-me da presença marcante de Bernardo em suas poesias, sendo esse uma possível construção do humano diferente das tecnociências.

“Bernardo é quase árvore. Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe.”

Entusiasmei-me, coloquei mais água no tereré e passei ao poeta, juntamente com os questionamentos: Bernardo é uma espécie de espelho? Você ainda tem um contato direto com ele? Existem outros Bernardos em sua vida?

– *Bernardo era meu alter-ego. Infelizmente ele já morreu. Ele era abençoado de pássaros. Ele era beato de árvores e de águas.*

Como Bernardo se comportaria em relação à tecnologia e ao avanço das ciências, cada vez mais presente em nosso cotidiano?

– *Se ele perdesse a ignorância não valeria mais nada para a poesia. Com ele eu aprendi a conversar com as rãs e os caracóis da terra. Aliás, eu tenho essa ignorância de nascimento.*

Bernardo tem aversão à máquina e à tecnologia. Isso se dá por que ele desconhece seus benefícios?

– *Ele era surdo e mudo em tecnologia. Sempre foi, incluindo em ventos.*

Depois da fala do poeta, acabei por lembrar de um poema dele no *Livro sobre o nada*, que nos apresenta a posição do poeta a respeito da máquina.

– *Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo, elas podem um dia milagrar de flores.*

Quando o poema *arejou* minhas ideias, quis saber a opinião do filósofo sobre o assunto. Ele, após ajeitar a bomba e dar uma chupada no tereré, me disse:

– *Criação da racionalidade intempestiva?! O Golem do pós-homem? Os indivíduos parecem assombrados, assediados e inebriados pelas máquinas de todo tipo! Cansaram-se da natureza, e se voltam para esse outro radicalmente outro.*

Pela resposta, o filósofo secou a erva! Então fui devaneando com a fala do filósofo e recordando de um outro poema do livro, *Cantigas por um passarinho à toa*, em que Manoel de Barros diz:

*Achava que os passarinhos
são pessoas mais importantes
que aviões.*

*Porque os passarinhos vêm do início do mundo.
E os aviões são acessórios.*

Sendo um pouco repetitivo, desejei saber como o filósofo se comporta face à presença e dependência da máquina e de seus artefatos nas diversas atividades cotidianas. Você se vê um “homem máquina” ou alguém que se distancia de toda essa técnica?

- *É o que acabei de dizer. O sistema das tecnociências já declarou alforria de seu mestre criador e tenta a todo custo dar um golpe de mestre de astúcia que é atribuir-se esse domínio sobre o poder de escolha do humano. Talvez o processo de decisão seja diferente, e o é, que o empregado pela racionalidade humana. Mas os efeitos creio que são semelhantes. A filosofia, penso eu, sente-se impelida a acompanhar sem dogmatismos ou “hegemonias falantes” (os metadiscursos também já se foram!) esse trajeto esquisito da evolução do sistema da tecnociência.*
- *Há sempre homens à beira de esgoto em minha poesia.* (Disse Manoel de Barros).

O tereré ia circulando, e o assunto da prosa não acabava, falávamos do avanço da tecnologia e da Ciência, de seus benefícios e dos impactos. Então, disse o poeta:

- *Toda minha vida eu tentei estudar ignorâncias para poder conversar com águas e seus respectivos sapos.*
- Não tenho vocação para máquinas. Para mim, máquina, qualquer máquina, deveria ter a utilidade do prego quando farfalha.*

– Isso me faz lembrar um outro poema seu:

“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá. Mas não pode medir seus encantos.”

Ansioso pelo tereré, o filósofo interrompe a conversa, e diz:

- *Parece-me preocupante a demasiada confiança depositada nesse poder operatório das tecnociências a ponto de colocar “em aporia” o poder simbólico e simbolizante do homem. Só esse saber, essa dimensão simbolizante saberá eventualmente encontrar-se com os encantos do sabiá! Ou com as astúcias dos animais com os quais alguns homens sabem se relacionar!*
- *A gnose científica tem como “poder” reduzir toda existência humana aos artefatos e à instrumentalidade, inviabilizando o projeto de existência humana. Qual seria o “caminho”, ou melhor, quais as possibilidades de reverter esse nihilismo?*

O filósofo “mata a sede” de tereré, e responde:

– Se pensarmos em termos de niilismo, creio que podemos cair na cilada de entrar na batalha contra o sistema. Nunca venceremos, Bãio, é por aí que se caminha creio eu! As forças são desniveladas! Conviver acompanhando os movimentos do Golem talvez seja mais interessante.

“O saber é um fabricar; é um transformar - até mesmo a natureza humana.”

O poeta complementa:

– *Começaremos a ouvir de novo o silêncio que está dentro das pedras. A fonte de saber está na natureza e não na tecnologia.*

Já se passaram horas de conversa e a erva do tereré já estava perdendo o sabor. Rapidamente, troquei a erva e acrescentei limão e hortelã para temperar mais a conversa. Então, provoquei o filósofo com outra questão:

– *Em maio de 2008, o Supremo Tribunal Federal aprovou o artigo da Lei de Biossegurança que prevê uso de células-tronco de embriões humanos para pesquisa e terapia. Essa constitucionalização é mais um avanço ou um retrocesso, do seu ponto de vista?*

– É o início de um caminho que está sendo percorrido de modo diverso. A direção me parece plausível. O absoluto está sendo preterido. A urgência da tomada de proposição (da filosofia) exige isso. Se não tivermos respostas prontas, impostas e dogmáticas, a nós cabe achar a saída do labirinto!

Novamente, indaguei:

– *Você vê a educação como uma possibilidade de construir espaços de diálogo entre as ciências e os diferentes saberes?*

– *Creio que essa questão caberia melhor a você destindar! Não acha?*

– *Não estou mais acreditando em tudo isso! A educação! Isso não é relevante como num passado recente e, sobretudo no remotíssimo, quando tudo começou! Com Tales, Anaximandro Pitágoras, Protágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles! Nostalgia da Grécia! Agora estou revendo as sacadas de Abelardo, aquele da Heloísa e do método filosófico do “sim e não”, precursor do debate escolástico e grande lógico medieval!*

E ao poeta perguntei:

– *Como você vê a possível contribuição da poesia das inutilidades, dos trapos e dos inutensílios para que possamos discutir, através da educação, a sociedade tecnológica?*

– *Penso que todos nós deveríamos ouvir os caracóis da terra a fim de aprender com eles os inícios do mundo.*

O poeta, olhando para águas silenciosas do Rio Miranda, na pausa do tereré, continua a descascar palavras:

– *Os rios começam a dormir pela orla, vagalumes driblam a treva. Meu olho ganhou dejetos, vou nascendo de meu vazio, só narro nascimentos. Sei muitas coisas das coisas. Há muitas importâncias sem ciência. Sei que os rios influem na plumagem das aves.*

O sol já estava se escondendo, e a prosa, apesar de apropriada para limo, foi interrompida pelo escurecer do dia. O poeta e o filósofo agradeceram o tereré (agradecer o tereré é sinal de fim de prosa).

O poeta pegou seus achados no chão: 1 rolo de barbante 8 armações de guarda-chuva 1 boi de pau 1 lavadeira renga de zinco (escultura inacabada) 1 rosto de boneca – metade carbonizado – onde se achava pregado um caracol com a sua semente viva. Juntou-os dentro de um grande saco, bateu asas, e voou. Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.

Nessa prosa, nem eu, nem o filósofo sabíamos que o melhor caminho ao se caminhar era pelo desvio.

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

